

**NINGUÉM CHORA, NÃO HÁ TRISTEZA:
insuficiência crítica e reacionarismo na produção
teórica no campo da geografia e música**

Gabriel Alves Ferreira da Silva¹

RESUMO

Esse trabalho é uma crítica à produção de conhecimento no campo da geografia música, centrado no caráter da insuficiência crítica do campo e no potencial reacionário da teoria. Na geografia que trata a cultura no âmbito da música, essa insuficiência teórica se expressa no ecletismo típico de uma ciência ainda restrita à justificativa da burguesia enquanto classe dominante. Como consequência, tem-se uma geografia "da" música sem vinculação ontológica, apresentando um apelo irracionalismo e ao formalismo. Ocorre, dessa forma, uma dupla decadência na produção de conhecimento: um lado, alguns que ainda se fixam ao pensamento econômico neoclássico, se esforçando para compreender a cultura numa raiz epistemológica marcada por sua ideologia burguesa e vulgar; e de outro, a corrente humanista, desprendida do historicismo e atada a uma semiologização da realidade, ou hipostasiação dos sentidos para apreender apenas subjetivamente a realidade. Ambas acabam se complementando, mistificando a ontologia e reafirmando a ordem burguesa ao se ver numa incapacidade crítica dado à sua própria decadência científica. Exilam-se categorias como a praxis, a dialética e a revolução para se concentrarem numa solução harmoniosa do capitalismo. Em última instância, essa insuficiência teórica acarreta numa teoria reacionária.

Palavras-chave: Geografia Cultural, Estudos Culturais, Crítica Marxista, Geografia da Música.

ABSTRACT

This work is a critique of the production of knowledge in the field of music geography, focusing on the critical insufficiency of the field and the reactionary potential of the theory. In geography that deals with culture in the context of music, this theoretical insufficiency is expressed in the eclecticism typical of a science still restricted to justifying the bourgeoisie as the dominant class. As a consequence, we have a geography "of" music without ontological links, presenting an appeal to irrationalism and formalism. Thus, a double decline occurs in the production of knowledge: on the one hand, some still adhere to neoclassical economic thinking, striving to understand culture in an epistemological root marked by its bourgeois and vulgar ideology; and on the other, the humanist current, detached from historicism and tied to a semiologization of reality, or hypostatization of the senses to only subjectively apprehend reality. Both end up complementing each other, mystifying ontology and reaffirming the bourgeois order as they find themselves critically incapable given their own scientific decadence. Categories such as praxis, dialectics, and revolution are exiled to focus on a harmonious solution to capitalism. Ultimately, this theoretical insufficiency leads to a reactionary theory.

Keywords: Cultural Geography, Cultural Studies, Marxist Criticism, Music Geography.

¹ Mestrando em geografia na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. E-mail: gabfsilva@gmail.com. Trabalho desenvolvido com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

INTRODUÇÃO

Este é um trabalho que se originou a partir de nossa pesquisa para a dissertação de mestrado na UFRJ, ainda em desenvolvimento. Ao estudar a história e formação do samba enquanto um movimento de cultura popular marcou a cidade do Rio de Janeiro ao longo do último século, nos deparamos com uma produção bastante calcada na evolução urbana da cidade, especialmente em Nei Lopes (1992), em sua obra *O Negro no Rio e sua Tradição Musical*.

Nos chamou a atenção, de outro lado, uma produção acadêmica na geografia, que até a década de 1990, pouco explorou essa relação entre cidade e cultura popular. Dado que nossas maiores referências acerca da cidade do Rio de Janeiro eram anteriores a esse *cultural turn*, tentamos realizar uma mediação entre uma historicização da cidade calcada na cultura popular enquanto praxis, trabalho e uma geografia histórica urbana calcada na “relação espaço-tempo e o nexo entre a Geografia e a História que se manifestam através do conceito de memória espacial (das cidades)” (Fridman; Haesbaert, 2014 *apud* Maia, 2019, n.p), mais precisamente, a geografia histórica do Rio de Janeiro inaugurada por Maurício de Abreu (2006).

Neste trabalho está o primeiro pontapé de um método dialético de mediação², a tentativa de compreensão da produção de conhecimento no campo da geografia e música e os nossos apontamentos teóricos sobre este campo. Encampamos aqui o objetivo de compreender as principais teorias e métodos articulados na produção de conhecimento no campo da geografia música, fazendo também um esforço de destacar e caracterizar as principais tendências desse campo ao consultar as principais referências teóricas acerca do tema.

O que encontramos produção de conhecimento geográfico que trata a cultura no âmbito da música foi um ecletismo típico de uma ciência ainda restrita a justificar a burguesia enquanto classe dominante. Nesse subcampo da geografia cultural, a geografia “da” música, tal tendência aparece de forma generalizada, mesmo em pesquisas que são contra as expressões históricas dessa classe na construção do conhecimento científico.

As consequências desse ecletismo resultaram, de maneira genérica, em duas tendências no estudo da geografia da música. A primeira dessas tendências de pesquisa, chamamos de

² É importante destacar aqui que não estamos nos referindo à mediação como “um método de análise e soma, uma concepção empírico-racionalista” (Amorim; Ferraz, 2007, p. 53). Mediação aqui está no sentido de uma “categoria analítica fundamental para a ruptura com a imediatividade, no movimento que vai do abstrato ao concreto, sob a forma de concreto pensado, no sentido de apreender a essência dos fenômenos sociais”, fundamental para dialética marxista, junto à categoria da contradição, que “ao mesmo tempo em que complexifica o movimento de construção do conhecimento, possibilita desvendar a essência dos “fenômenos sociais” no que tange à compreensão de sua particularidade e universalidade na relação com o todo” (*ibidem*, p. 49).

hipostasia, a segunda, chamamos de burocrática. O vício metodológico de ambas acaba desaguando num conhecimento com baixa capacidade crítica, reafirmando a ordem burguesa dado essa decadência científica, num empobrecimento do conhecimento estético e, em última instância (ou às vezes até antes), um apelo para o irracionalismo.

Explicitamos, ao buscar compreender a produção teórica na interseção entre geografia e música, as consequências do ecletismo no conhecimento acerca da temática da geografia e música. As considerações do trabalho apontam para o disposto no título: a epistemologia da geografia “da” música construída, esvaziada de ontologia que a antecede, mergulhada no ecletismo típico da pós-modernidade, acaba sacrificando tanto sua capacidade crítica, ficando tão indiferente ao reacionarismo (mesmo que indiretamente) que podemos, de tal modo, inferir que ela gera uma teoria reacionária.

O título desse trabalho é uma homenagem ao samba “Alvorada”, conhecido na interpretação de Cartola, justo porque foi estudando o samba enquanto movimento cultural que chegamos a tais considerações. A referência ao verso “ninguém chora, não há tristeza” remete à harmonia, conformidade, que o campo de pesquisa em questão nos parece se situar. O risco que destacamos aqui é o potencial reacionário dessa situação.

METODOLOGIA

Fundamos o trabalho numa proposta de construção ontológica da filosofia marxista, em que o estudo da praxis, do trabalho, é central para a reprodução ideal acerca da realidade ao se desdobrar sobre sistemas de objetivações (Netto, 2011). De tal modo, concordamos com os apontamentos de Coutinho (2010), baseado numa leitura atenta de György Lukács, acerca da condição histórica da realidade (historicismo), do ser social enquanto produto de sua própria atividade (humanismo) e da essência contraditória na unidade harmoniosa na qual a realidade nos é apresentada (dialética). Em outras palavras, desenvolvemos a nossa teoria assentada numa filosofia materialista, histórica e dialética, tendo o trabalho³ como ato fundante do ser social, centrada na contradição e mediação entre as categorias do singular, particular e universal (Lukács, 2018).

Tal teorização nos encaminha para algumas considerações válidas para o modo de produção capitalista, em oposição a uma ciência de reafirmação de ordem: o capitalismo como

³ Apontamos, para todo efeito, que o trabalho aqui é no sentido de ser uma forma genérica da praxis social, ato que funda o ser social e que promove sua constante objetivação. Em outras palavras, é “o ato que dá origem a uma série de complexos sociais que têm a função social de sistematizar os conhecimentos adquiridos em uma concepção de mundo que termine por fornecer, no limite, uma razão para a existência humana” (Lessa, 2001, p. 97).



modo produção vigente onde se domina a acumulação privada; a contradição como inerente à ordem capitalista; defesa do proletariado enquanto classe explorada; e a perspectiva da revolução como forma de emancipação do proletariado (conforme nos mostra Grespan, 2002).

Sem embargo, para além das já citadas obras de Coutinho e Lukács (2018), (que apesar de serem datadas, suas teorizações sobre a ciência burguesa foram importantes para estabelecermos esse raciocínio relativo às pesquisas geográficas e desenvolver essa exposição a seguir), citamos também Lukács (1978), Ivo Tonet (2022) e Lima (2014) como obras que nos ajudaram a compreender o trabalho de construção de conhecimento nesse campo.

Para a escrita desse trabalho, realizamos uma ampla exploração bibliográfica no campo de estudo. Consultamos obras amplamente difundidas no Brasil e no mundo, escrito em inglês e português. Entre elas, destacamos o livro *Geografia e Música: diálogos* (Dozena, 2016); *Geografias Culturais da Música* (Azevedo *et al.*, 2018 e 2021); *anais do SIGEOLITERARTE* (2015); os *anais do GT de Geografia na Música no ENANPEGE* (2021); e revisões bibliográficas como Pedon (2021), Castro (2009), Panitz (2012 e 2021).

Cabe comentar que, ao longo do texto, não citamos trabalhos específicos do campo que estamos analisando, senão nesse parágrafo anterior. Avaliamos que era arriscado tentar abrir um debate com os principais expoentes do ecletismo na geografia e terminar por debater apenas com seus representantes. Ainda nos falta trabalho para compreender as raízes do ecletismo e relativismo da geografia e cultura, mas almejamos adentrá-la em momento oportuno. Optamos, por esse motivo, por analisar apenas as tendências gerais.

O CAMPO DA GEOGRAFIA E MÚSICA

A diversidade de metodológica é, por diversas vezes, mencionada como uma virtude no campo disciplinar da geografia. O nosso entender é que a crítica sobre o trabalho teórico-metodológico é “legalizada”, mas a afirmação de método sobre outro pode render uma acusação de dogmatismo, fechamento metodológico, visão unilateral e insinuações do tipo. A exposição da diversidade de métodos na geografia da música costuma caminhar por nesses moldes, como vemos em Castro (2009)⁴. É uma proposta de pluralismo metodológico implícita, onde todos os métodos são válidos e quanto mais métodos, melhor, como coloca Pedon (2021)⁵.

⁴ “A intenção desta seção do artigo não foi tentar eleger qual a melhor corrente de pensamento, ou mesmo tentar denegrir a geografia cultural tradicional ou saueriana. Não existe dicotomia, hierarquia, e nem mesmo rivalidade entre as geografias culturais tradicional e renovada. Ambas realizam um grande esforço na busca do entendimento da espacialidade da cultura, mas por meio de questões diferentes e abordagens diferentes” (Castro, 2009, p. 17).

⁵ “A diversidade de abordagens e metodologias de pesquisas de forma alguma demonstra uma fragilidade epistemológica, pelo contrário, contribui para a consolidação de um fazer ciência capaz de considerar a emoção

Sem embargo, discordamos dessa concepção de pluralismo, calcado no ecletismo. Se todos os métodos são válidos, se não se pode eleger uma corrente de pensamento mais adequada e, quanto mais, melhor, nos parece que há uma desistência da batalha das ideias em decorrência de uma desistência acerca da compreensão do mundo, dado a tamanha complexidade que este assumiu.

O contexto de diversidade de métodos/abordagens sem crítica entre as mesmas só é uma riqueza quando o objetivo é desvendar as regularidades do movimento fenomênico da realidade, isto é, o empirismo. Nesse movimento lógico, rejeita-se a substância, a essência e busca-se sistematizar as regularidades. De tal maneira, já que todas as sistematizações são intuídas e se verificam ao nível do imediato⁶, todas as sistematizações são bem-vindas, pois “como sempre, na boa tradição empirista, mostra-se como as coisas funcionam, mas não se explica porque são assim” (Tonet, 2022, p. 14). Pelo que indicam as nossas pesquisas e as revisões bibliográficas, essa tendência resume muitas empreitadas no estudo da Geografia e Música (o que não é necessariamente um rebaixamento da qualidade de nenhuma delas). O próprio *cultural turn* (virada cultural) é um efeito dessa forma de realização do trabalho científico.

A solução para o caráter pseudoconcreto das pesquisas, foi incorporar a pesquisa da subjetividade e, desse modo, os estudos culturais foram um meio fértil para o desenvolvimento dessa abordagem. Ainda assim, persiste a sistematização da realidade aparente, pois a mera consideração da subjetividade, não significa atingir uma essência⁷.

A busca pela subjetividade nos estudos culturais, pós-modernos ou não, surge junto a uma desconfiança com relação do sucesso científico frente à muitas heranças do racionalismo

presente nas falas cotidianas e a sensibilidade dos artistas na apreensão dos sentidos que orientam uma cultura comum, da mesma maneira, dá relevo à forma pela qual as representações transformadas em músicas revelam apropriações e representações subjetivas do espaço e certas formas de se fazer política” (Pedon, 2021, p. 14).

⁶ Kosik (1969, p. 11) já alertava acerca dessas sistematizações do que ele chama de pseudoconcreticidade: “O complexo dos fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana, que, com a sua regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural, constitui o mundo da pseudoconcreticidade. A êle pertencem: - O mundo dos fenômenos externos, que se desenvolvem à superfície dos processos realmente essenciais; - O mundo do tráfico e da manipulação, isto é, da praxis fetichizada dos homens (a qual não coincide com a praxis crítica revolucionária da humanidade); - o mundo das representações comuns, que são projeções dos fenômenos externos na consciência dos homens, produto da praxis fetichizada, formas ideológicas de seu movimento; - o mundo dos objetos fixados, que dão a impressão de ser condições naturais e não são imediatamente reconhecíveis como resultados da atividade social dos homens”.

⁷ Ainda em Kosik (1969, p. 11): “o mundo da pseudoconcreticidade é um claro-escuro de verdade e engano. O seu elemento próprio é o duplo sentido. O fenômeno indica a essência e, ao mesmo tempo, a esconde. A essência se manifesta no fenômeno, mas só de modo inadequado, parcial, ou apenas sob certos ângulos e aspectos. O fenômeno indica algo que não é êle mesmo e vive apenas graças a seu contrário. A essência não se dá imediatamente; é mediata ao fenômeno e, portanto, se manifesta em algo diferente daquilo que é.”

positivista, mas não supera a mera apreciação do fenômeno. Vieram críticas ao então pensamento analítico-formal acerca de seu caráter macroestrutural; foi reivindicado que o mundo havia tomado tamanha complexidade que aquilo que existia não era mais suficiente, que eram necessárias novas teorias, contudo não se trabalhou aquilo que era uma das maiores vulnerabilidades do que então estava vigente: o empirismo, a razão analítica⁸.

Com a popularização da onda pós-moderna que impactou as ciências humanas, diversas raízes teóricas foram absorvidas de forma generalizada. Essas raízes dialogam com um humanismo (que caiu na armadilha dicotômica entre indivíduo e coletivo) e uma fenomenologia (que se restringe à análise do subjetivo desvinculado de objetivação) no campo da geografia cultural. Contudo, essa incorporação e “renovação” na produção geral da geografia da música não foi suficiente para inaugurar teóricas sociais, porque não há diferenciação suficiente em termos teóricos e práticos nas pesquisas realizadas - salvo relevantes exceções com arcabouços conceituais variados. Dito de outra forma, não há elaborações ontológicas que sustentem as diferenciações das propostas epistemológicas na geografia da música, e talvez até da geografia cultural. Se todos os métodos são válidos, então não há diferenças ontológicas entre estes. Desse modo, a análise fica mais vinculada ao constructo lógico de cada pesquisador e sua “autodisciplina” do que ao próprio objeto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante desse cenário de ecletismo na produção científica para o estudo da cultura e da música na geografia, foi traçado, para fins de operacionais e explicativos, duas tendências de pesquisa diferenciadas, fundamentais para compreendermos a pesquisa no campo da geografia e música. Estas tendências, as quais são mais vistas se entrecruzando do que individualmente, resultaram das diversas de influências de geógrafos e não-geógrafos. A primeira tendência de pesquisa, chamaremos de hipostasia. A segunda tendência de pesquisa, chamaremos de burocrática. Estamos, em ambos os casos, também considerando pesquisas que não possuem arcabouço teórico-metodológico e ontológico específico, delimitado, pesquisas que se denominam “livres de dogmatismo”, ecléticas, que não corroboram com cânones, etc.

⁸ Netto (1994, p. 40) resume bem: “o racionalismo positivista (e sua apologia da sociedade burguesa) caminhou de braços dados com o irracionalismo (e com seu anticapitalismo romântico) de Kierkegaard/Nietzsche; o neopositivismo lógico conviveu cordialmente com o existencialismo de um Heidegger; o estruturalismo dos anos 60 não foi perturbado pela explosão “contracultural”; o pós-estruturalismo coexiste agradavelmente com a imantação escandalosa operada hoje pelos mais diversos esoterismos.”

No primeiro caso, estão caracterizadas, principalmente, as pesquisas que absorvem muito do humanismo e da fenomenologia e sua característica decadente principal (há outras) é a justo a que nomeamos a linha: a hipostasia dos sentidos. A sensibilidade e a intuição se tornam o conjunto de instrumentos supremo de apreensão do real, se fixando na imediaticidade da vivência e acaba afligindo tanto aqueles que partem de um “positivismo agnóstico” como os que partem do irracionalismo existencialista. A essência é confundida com significado contido na vivência e as determinações que sustentam esse significado ficam restritas àquelas que afloram ao nível do imediato.

Não estamos restringindo à crítica ao método fenomenológico ou humanista na geografia. Essas linhas teóricas possuem seu arcabouço teórico-filosófico mais específico e não cabe aqui aprofundar as problematizações sem uma justificativa mais direcionada. A crítica aqui é em torno de uma generalização acerca das teorizações em um campo investigativo. Essa hipostasia dos sentidos ocorre frequentemente por conta de uma ausência de metodologia delimitada (Coutinho, 2011; Lima, 2014) e isso é relacionado a diversas pesquisas na temática da geografia e música.

Finalmente, na linha da hipostasia vemos:

- Uma tendência anti-dialética, até mesmo positivista (apesar de ser comum nos depararmos com declarações anti-positivistas) em que se encontra silogismos, deduzindo a análise científica a partir de pressupostos positivos, sem considerar a negação;
- Reforço do pensamento burguês numa análise a-histórica, abreviando ou negligenciando o debate da produção social do espaço; de tal modo o pensamento permanece apenas na descrição e aceita as características regressivas da sociedade burguesa como aparência natural, mais sentida e do que construída;
- a tendência psicologizante, subjetivista, subjugando sempre a objetividade à subjetividade, nunca religando subjetividade ao objetivo, colocando a esfera emocional e dos “afetos” quase como uma entidade agnóstica (universalizante e ligada incognoscibilidade do real), inacessível para a escrita científica e descolada do tempo histórico;
- por fim, acaba em uma tendência pseudo-humanista⁹, por falta se basear em uma aparência pretensamente essencial, sem progressão objetiva e acaba realizando saltos conclusivos.

⁹ O pseudo-humanismo é uma expressão bastante adequada ao que estamos abordando. Ao invés de cumprir com a proposição humanista contemporânea de transcender o próprio ser através da análise de uma essência que seria

É interessante o destaque de Leandro Konder (2013, p.195) em relação à redução da reprodução social de ao seu deleite estético (ou não) – é essencialmente que a tendência subjetivista, que abordamos agora:

leva a desvincular a criação artística do mundo objetivo em que vive o sujeito criador, leva a uma concepção arbitrária da subjetividade, leva a uma concepção irracionalista da criação. A tendência objetivista, por sua vez, leva a estabelecer uma ligação direta ou insuficientemente mediatizada entre a obra de arte e a situação objetiva dada, a circunstância histórica em que se realizou a criação.

A despeito da linha de pesquisa aqui denominada de *burocrática*, o que Konder está caracterizando como a tendência objetivista, apesar de partir de pressupostos diferentes, acaba desaguando em incapacidades explicativas similares. As duas possuem um viés irracionalista em última análise. Se, por um lado, temos uma hipostasiação dos sentidos que acarreta em significativos prejuízos com relação à objetivação do ser, temos, de outro, temos hipertrofia do comportamento instrumental, ou em outras palavras, a submissão de todas as relações sociais à razão analítica (intelecção) (Netto, 1994).

Essa linha se associa à coagulação, formalização e mecanização dos procedimentos práticos. São comuns em pesquisas que abordam o circuito econômico da música e arte, sua circulação, políticas culturais, significados e símbolos culturais/artísticos/musicais. Há uma sobreutilização e um enrijecimento de conceitos, que empobrece a razão ao subjugar a um conjunto de regras formais, desligadas de seu conteúdo objetivo a que se aplicam (Coutinho, 2010). Esses trabalhos acabam incorrendo em sociologismos: tratando a arte e a cultura de forma fetichizada, não as associando à praxis/trabalho humano, colocando-as como uma produção excepcional, como síntese unificadora e não como um aspecto da contradição da sociedade.

Um vício metodológico dessa linha *burocrática* é a constante busca por símbolos, “sistema de significados”, normas, valores, entre outras variações que deságuam em pesquisas normalmente que buscam estudar circuito de cultura, economia cultural, padrões de consumo de cultura, etc. Se trata de uma diversificação da geografia tributária da economia neoclássica, tendo em vista a sua dita “renovação” com o *cultural turn*. Embora sejam ricas para fornecer dados, se limitam em si mesmas ao serem mecanicistas, descritivas, e acabam, por insuficiência

anterior à sua objetivação, acaba por tratar como essência a objetivação homem sob o capitalismo. Isso é, nesse pseudo-humanismo, *não* ocorre uma apropriação da essência pelo ser social, para o ser social, em que o humanismo chega como uma consciência de coletividade onde a carência do próximo seria também a carência do próprio ser; não, ao invés disso, ocorre um trato da aparência harmoniosa e individualista do capitalismo como essência e as contradições como limites da própria intelecção. Também poderíamos chamar esse humanismo de humanismo-burguês, pois serve à consolidação da ordem burguesa, o que reafirma, inclusive, um compromisso com o positivismo. (Coutinho, 2010; Marx, 2010).



crítica, reduzindo a historicização e praxis do trabalho cultural ao símbolo, e vice-versa, com o significado simbólico sendo equivalente ao conteúdo histórico e praxis social.

É, portanto, comum ao que estamos falando de pesquisa *burocrática*:

- conceitos enrijecidos, se afastando do estudo das determinações sociais;
- a divisão em polos analíticos, no qual o universal e o singular também deixam de representar determinações sociais e passam a representar apenas oposição entre ambos, empobrecendo a dialética e excluindo a possibilidade de mediação¹⁰;
- a fetichização do sujeito e do objeto, onde estes oscilam entre reflexo da paisagem ou mero matriz da paisagem, numa forma de complementariedade. Isso também é um produto da divisão entre polos analíticos, do empobrecimento da dialética e autonomização da representação, dos signos e dos significados em relação à realidade, comprometendo a categoria da totalidade.
- objetivos fechados em si, onde a hipótese de um simbolismo justifica a pesquisa e os achados servem para justificar o simbolismo. Essa dinâmica de supervalorização da representação social acaba por limitar a continuidade da pesquisa, ou nos termos dessa pesquisa, a continuidade da dialética. Afinal, sendo a construída em prol da unidade, seja esta última um signo, significado ou um símbolo, as contradições que compõem essa unidade podem ser vistas apenas como diferença interna – caso fossem uma contradição, a pesquisa em si fica comprometida.

Para completar, Coutinho (2010, p. 43) caracteriza o *burocratismo* como parte de “filosofias imediatistas”

que tomam a praxis burocrática como modelo da vida humana, sem dissolvê-la na totalidade essencial e explicitada da objetividade econômico-social [...] E, com isso, empobrecem decisivamente as várias esferas da vida. A praxis aparece agora como uma mera atividade técnica da manipulação; a objetividade se fragmenta numa coleção de “dados” a serem homogeneizados e, finalmente, a razão reduz-se a um conjunto de regras formais subjetivas, desligadas do conteúdo objetivo daquilo a que se aplicam. Essa “miséria da razão” transforma em algo irracional todos os momentos significativos da vida humana.

Nem todas as pesquisas apresentam, invariavelmente, todos os aspectos aqui a apontados em ambas as linhas. Tampouco, nem todas as pesquisas se dividem dessa forma - muito pelo contrário, é muito comum vermos a união entre as filosofias imediatistas e as tendências subjetivistas. Isso é, de modo geral, podemos destacar também o ecletismo como característica corrente na geografia cultural. O ecletismo, para além de ser “a junção de

¹⁰ Neste ponto e no anterior, conferir Lukács (2018, p. 119-121) para uma melhor explicação dessas insuficiências críticas que eu encontrei em minhas pesquisas.

tendências filosóficas discrepantes” (Marighella, 1979), uma salada de visões de mundo, é uma forma de vulgarizar a variedade de posições sobre um objeto, como nos explica Löwy (1985). Esse ecletismo dialoga também com um relativismo, o reconhecimento de múltiplas inferências sobre um objeto, é um progresso científico. Contudo, quando esta consideração leva à impossibilidade de se chegar a um conhecimento objetivo, o relativismo se vulgariza e se associa ao ecletismo.

Não é, desse modo, apenas uma mera questão de ecletismo. Esse tipo de decadência ideológica é apoiado pelo epistemologismo, metodologismo e/ou formalismo, para qual uma razão analítico-formal é complementada pela irracionalidade, e vice-versa (Netto, 1994). Podemos dizer, em outras palavras, que seja partindo de uma linha subjetivista, na qual há uma *hipostasia* dos sentidos e uma tendência ao irracionalismo, seja partindo de uma linha *burocrática* em que se vê um predomínio da razão analítico-formal, objetivista, instrumental, o ponto intermediário é se ver numa insuficiência analítica. A solução encontrada, e largamente difundida na geografia cultural, é a complementariedade entre aquilo que é formal e irracional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ambas as tendências teóricas na interseção entre geografia e música são marcadas por um Frankenstein de epistemologias, sem um trabalho filosófico adequado para adaptar as diferentes teorias de conhecimento, e por uma complementariedade de uma na outra, no qual o metodologismo e formalismo ordenam aquilo que pode ser ordenado e remetem ao irracionalismo tudo aquilo que escapa esse ordenamento. A construção teórica é dada antes da historicização do real (a-histórica). O método se afirma apenas pela diversidade e não por sua validade. A desigualdade não fica posta como uma condição intrínseca capitalismo, mas como uma fase societária. Exilam-se categorias como a praxis, a dialética e a revolução para se concentrar numa solução harmoniosa do capitalismo: “aquilo que está ao nosso alcance”. Encontra-se um campo de estudo que não tem compromisso social, revolucionário. Predomina-se uma conformidade que desemboca uma produção científica reacionária: “ninguém chora, não há tristeza”. Concilia-se uma epistemologia marcada por sua ideologia burguesa e vulgar com uma semiologização da realidade, ou hipostasiação dos sentidos para apreender apenas subjetivamente a realidade.

E diante desse potencial reacionarismo, é importante salutar que não trabalhamos por ode, amor, preciosismo com relação ao marxismo, ou para “pregar” um centralismo teórico (duas coisas dos quais não temos), mas para acirrar a crítica do nosso trabalho crítico. Uma



espécie de comprometimento com a “crítica da crítica crítica” como propôs o nosso camarada Marx em sua juventude. Esperamos, por fim, que num futuro próximo possamos aprofundar essas críticas e dar mais fôlego ao nosso trabalho teórico.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, 2006.

AMORIM, H; FERRAZ, C. Dialética e Luta de Classes: contradição e mediação no método de Karl Marx. **Temáticas**, Campinas, v. 15, n. 29, p. 47-63, 5 fev. 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20396/tematicas.v15i29.13642>. Acesso em: 27 nov. 2023.

AZEVEDO, A. F. *et al.* **Geografias Culturais da Música**. Guimarães: Lab2pt, 2018.

AZEVEDO, A. F. *et al.* **Geografias Culturais da Música: do som e do silêncio**. Guimarães: Lab2pt, 2021.

CASTRO, D. Geografia e Música: a dupla face de uma relação. **Espaço e Cultura**, [S. l.], n. 26, p. 7–18, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/3551>. Acesso em: 27 nov. 2023.

COUTINHO, C. N. **O Estruturalismo e Miséria da Razão**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

DOZENA, Alessandro. **Geografia e Música: diálogos**. Natal: UFRN, 2016.

ENANPEGE, 14., 2021, [S.L.]. **A Geografia que fala ao Brasil: ciência geográfica na pandemia ultraliberal**. Campina Grande: Editora Realize / ANPEGE, 2021.

GRESPLAN, J. A dialética do avesso. **Crítica Marxista**, São Paulo, Boitempo, v.1, n.14, 2002, p. 26-47.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

KONDER, Leandro. **Os marxistas e a arte**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

LESSA, S. Lukács e a ontologia: uma introdução. **Revista Outubro**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 83-100, 2001.

LOPES, N. **O Negro no Rio de Janeiro e sua Tradição Musical: partido-alto, calango, chula e outras cantorias**. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.

LÖWY, Michael. **Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1985.

LUKÁCS, G. **Introdução a uma estética Marxista: sobre a particularidade como categoria da estética**. São Paulo: Instituto Lukács, 2018.

LUKÁCS, G. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. **Temas de Ciências Humanas**, tradução de Carlos Nelson Coutinho, São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, n. 4, p. 1-20, 1978.

LIMA, E. L. Os limites da geografia humanista e da nova geografia cultural na compreensão do sujeito. **Ensaio De Geografia**, 2(4), 7-31, 2014.

MAIA, D. S. Geografia Histórica Urbana: notas de pesquisa. **Terra Brasilis**, [S.L.], n. 12, p. 1-16, 29 dez. 2019. OpenEdition. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.4785>. Acesso em: 27 nov. 2023.

MARIGHELLA, Carlos. **Escritos de Carlos Marighella**. São Paulo: Editorial Livramento, 1979.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Editora Boitempo, 2010.

NETTO, J. P. Razão, Ontologia e Praxis. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 26-42, 1994.

_____. **Introdução ao Estudo do Método em Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PANITZ, Lucas Manassi. Geografia e música: uma introdução ao tema. **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 30 de mayo de 2012, Vol. XVII, nº 978. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/b3w-978.htm>. Acesso em: 27 nov. 2023.

PEDON, N. R. **Geografia e música: origem, desenvolvimento e estágio atual das pesquisas sobre música na geografia brasileira**. Anais do XIV ENANPEGE... Campina Grande: Realize Editora/ANPEGE, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/78643>>. Acesso em: 27/11/2023.

SIGEOLITERART, 2/3., 2015, Goiânia. **Espaços Sensíveis: geografias da percepção e da emoção contemporânea**. Goiania: Gráfica UFG / Laboter, 2015

TONET, I. Pluralismo Metodológico: Falso Caminho. **Revista GESTO-Debate**, v. 5, n. 01-12, 20 set. 2022.